

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Isabele Mateus da Silva Guida

**IMAGINAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS A
PARTIR DE ILUSTRAÇÕES DE UM CLÁSSICO INFANTIL**

Rio de Janeiro
2022



Isabele Mateus da Silva Guida

**IMAGINAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS A PARTIR DE
ILUSTRAÇÕES DE UM CLÁSSICO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de relato de experiência apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a) Professor (a) Ma. Maria Lia
Gauterio Conde Pinto.

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

G946 Guida, Isabele Mateus da Silva

Imaginações e experimentações artísticas a partir de ilustrações de um clássico infantil / Isabele Mateus da Silva Guida. — Rio de Janeiro, 2022.

24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de relato de experiência (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Maria Lia Gauterio Conde Pinto.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Literatura Infantil. 3. Educação Básica. I. Pinto, Maria Lia Gauterio Conde. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Isabele Mateus da Silva Guida

**IMAGINAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS A PARTIR DE
ILUSTRAÇÕES DE UM CLÁSSICO INFANTIL**

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Titulação e nome do orientador (Orientador)
Instituição a que pertence

Titulação e nome do segundo membro da banca
Instituição a que pertence

Titulação e nome do terceiro membro da banca
Instituição a que pertence

Rio de Janeiro
2022

AGRADECIMENTOS

Nossa quantas histórias, ilustrações, produções, momentos, trajetórias, obstáculos... Enfim a pós-graduação tão sonhada! Diante desta conquista venho agradecer a Deus e as pessoas que fizeram parte do passeio junto com meus alunos pelo imaginário da floresta da Chapeuzinho Vermelho, Amarelo, Azul e o Chapeuzinho.

Gratidão a Deus, ser soberano, que em tantos momentos me guiou, me deu forças, oportunidades e esclarecimentos para que eu pudesse seguir o meu caminho.

A minha família, que abraçou meu sonho, me apoiou e esperou ansiosamente pelo término desta pós-graduação.

Ao corpo docente do Colégio Pedro II que contribui imensamente com a minha formação e em especial as professoras Analu Steffen e Maria Lia Gauterio que acreditaram e lutaram por mim, me deram todo o subsídio pedagógico durante a escrita do meu relato de experiência. E com muito empenho se dedicaram à arte de ensinar, meu agradecimento cheio de carinho.

Aos amigos que me apoiaram, vivenciaram, me ouviram e tiveram muita paciência com a minha fala monotemática.

Gratidão a todos que contribuíram na realização de mais um sonho, rumo ao conhecimento.

IMAGINAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS A PARTIR DE ILUSTRAÇÕES DE UM CLÁSSICO INFANTIL

Isabele Mateus da Silva Guida

RESUMO

Desde seu princípio, a humanidade tem produzido imagens que, através do tempo, ficam guardadas numa espécie de memória coletiva. Esta pesquisa se desenvolve a partir de uma abordagem transdisciplinar entre Artes Visuais, Literatura e Educação. Seu fio condutor gira em torno dos questionamentos e inspirações que surgiram no decorrer de vivências, apreciações e contribuições de imagens da literatura infantil e de obras de arte que forjam o imaginário humano. Assim, este estudo se apresenta como um relato de experiência de uma prática docente a partir da análise de como a leitura das ilustrações presentes em diferentes versões do conto *Chapeuzinho Vermelho*, clássico da literatura infantil, pode estimular a imaginação e a criação de novos sentidos de mundo. Com efeito, veremos como a relação entre a imagem e a linguagem verbal das histórias que lemos, ouvimos ou assistimos nos fazem refletir sobre nossas vidas e sobre nosso entorno, de modo que as ilustrações e os processos de produção delas derivados no interior das aulas de Artes Visuais numa escola de Educação Básica podem emergir como promotoras de experiências visuais e propulsoras do desenvolvimento cognitivo, criativo e crítico.

Palavras-chave: ilustrações; literatura infantil; imaginação; ensino de artes visuais.

ARTISTICAL IMAGINATIONS AND EXPERIMENTATIONS BASED ON ILLUSTRATIONS OF CLASSIC CHILDREN'S LITERATURE

ABSTRACT

Since the beginning, humanity has been concerned about producing images through the ages. These images stay in our memory in a kind of collective memory. This research has been developed with an approach transdisciplinary between art, children literature and education. This study is centre on inquiries and inspirations that emerged along experiences, appreciations and contributions of images combined with children's literature and works of art that lead our human imaginary. This text is presented as an experience report based on the analysis of how the reading of images presents on different versions of the Little red riding hood story, a classic children's literature, can sharpen the power of imagination and create new meanings in the world. Based on this, we will see how the relationship between the imagination and the verbal language of the stories we read, listen or watch makes us reflect about our lives and around us, in a way that illustrations and their producing process arising from Visual Arts classes in a elementary school can emerge as a promoter of visual experiences and a driver of cognitive, creativity and critic development.

Keywords: illustrations; children's literature; images reading; imagination; creativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Ilustração original de Doré para a história – Chapeuzinho vermelho.....	Pg. 08
Figura 02 – Ilustração original de Doré para a história – Chapeuzinho vermelho.....	Pg. 08
Figura 03 – Ilustração original de Doré para a história – Chapeuzinho vermelho.....	Pg. 08
Figura 04 – Releitura do aluno – Ilustração original de Doré.....	Pg. 10
Figura 05 – Releitura do aluno – Ilustração original de Doré.....	Pg. 10
Figura 06 – Releitura do aluno – Ilustração original de Doré.....	Pg. 10
Figura 07 – Chapeuzinho Vermelho por David Roberts.....	Pg. 11
Figura 08 – Chapeuzinho Vermelho por David Roberts.....	Pg. 11
Figura 09 – Cildo Meireles, Desvio para o vermelho.....	Pg. 12
Figura 10 – Produção do livro Chapeuzinho Vermelho, de Roberts.....	Pg. 12
Figura 11 – Produção do livro Chapeuzinho Vermelho, de Roberts.....	Pg. 12
Figura 12 – Produção do livro Chapeuzinho Vermelho, de Roberts.....	Pg. 12
Figura 13 – Produção do livro Chapeuzinho Vermelho, de Roberts.....	Pg. 13
Figura 14 – Produção do livro Chapeuzinho Vermelho, de Roberts.....	Pg. 13
Figura 15 – Ilustração de Claudia Scatamacchia.....	Pg. 13
Figura 16 – Ilustração de Claudia Scatamacchia.....	Pg. 13
Figura 17 – Obra Mona Lisa de Botero.....	Pg. 13
Figura 18 – Composição visual da turma.....	Pg. 14
Figura 19 – Composição visual da turma.....	Pg. 14
Figura 20 – Composição visual da turma.....	Pg. 14
Figura 21 – Chapeuzinho Amarelo por Ziraldo.....	Pg. 15
Figura 22 – Chapeuzinho Amarelo por Ziraldo.....	Pg. 15
Figura 23 – Chapeuzinho Amarelo por Ziraldo.....	Pg. 15
Figura 24 – Releitura Chapeuzinho Amarelo produzida pela turma.....	Pg. 15
Figura 25 – Releitura Chapeuzinho Amarelo produzida pela turma.....	Pg. 15
Figura 26 – Releitura Chapeuzinho Amarelo produzida pela turma.....	Pg. 15
Figura 27 – Chapéu amarelo (objeto cênico)	Pg. 16
Figura 28 – Chapéu amarelo (objeto cênico)	Pg. 16
Figura 29 – Bolo-lobo por Ziraldo	Pg. 17
Figura 30 – Fotografia de Diane Arbus (Child with toy grenade, NYC, 1962)	Pg. 17
Figura 31 – Trabalho de Eleanor Macnair com massinha de modelar	Pg. 17
Figura 32 – Modelagem dos alunos bolo-lobo.....	Pg. 17
Figura 33 – Modelagem dos alunos bolo-lobo.....	Pg. 17
Figura 34 – Modelagem dos alunos bolo-lobo.....	Pg. 17
Figura 35 – Chapeuzinho Azul por Marilia Pirillo.....	Pg. 18
Figura 36 – Chapeuzinho Azul por Marilia Pirillo.....	Pg. 18
Figura 37 – Chapeuzinho Azul por Marilia Pirillo.....	Pg. 18
Figura 38 – Elementos visuais Chapeuzinho Azul.....	Pg. 18
Figura 39 – Elementos visuais Chapeuzinho Azul.....	Pg. 18
Figura 40 – Elementos visuais Chapeuzinho Azul.....	Pg. 18
Figura 41 – Obra de Vik Muniz.....	Pg. 19
Figura 42 – Composição visual dos alunos.....	Pg. 19
Figura 43 – Composição visual dos alunos.....	Pg. 19
Figura 44 – Composição visual dos alunos.....	Pg. 19
Figura 45 – Composição visual dos alunos.....	Pg. 19
Figura 46 – Composição visual dos alunos.....	Pg. 19

1 INTRODUÇÃO

As imagens, desde sempre, pertenceram ao universo das heranças mais antigas da vida humana. Nos dias atuais, o crescente interesse pelo legado e pela hiperprodução visual tem levado educadores e pesquisadores a, cada vez mais, estudarem as visualidades e suas inúmeras relações fundadoras de uma sociedade intensamente imagética. Neste contexto, a investigação acerca das conexões entre imagem e linguagem verbal, especificamente no âmbito da literatura infantil - mediado pelos livros -, é ponto de partida para o presente texto.

Com o passar do tempo, os livros ilustrados foram absorvendo novas possibilidades tanto de expressão, quanto de manifestação de conhecimento. De um lado, tais objetos contribuíram para fortalecer aspectos quanto ao desenvolvimento da função cognitiva, racional; de outro, desempenharam certas funções mágicas, simbólicas e fabulosas. É a partir de um conjunto de imaginários que este relato de experiência sobre um recorte de aulas de Artes Visuais pretende abordar um determinado fluxo de universo visual e de criações de novas imagens desdobrados desde a literatura infantil, particularmente a partir de diversas ilustrações e versões do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*. O manancial de histórias e visualidades desta pesquisa é constituído por: o conto de Perrault; *Chapeuzinho Vermelho* uma aventura borbulhante, do autor Lynn Roberts; *Chapeuzinho Amarelo*, do autor Chico Buarque; *Chapeuzinho Vermelho*, do autor João de Barro (Braguinha); *Chapeuzinhos Coloridos (Azul)*, dos autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. O acervo literário descrito ancorou o percurso da prática docente desta pesquisadora que ora será repensada e analisada a luz deste trabalho.

A perspectiva de compreender como as ilustrações – textos visuais – podem trazer novos significados para as narrativas, e mesmo como uma história originária pode ser contada de diversas outras formas foram fatores determinantes para a escolha deste trajeto investigativo. Neste sentido, os objetivos desta pesquisa são: apresentar variações dos textos e das imagens referentes ao conto *Chapeuzinho Vermelho*; refletir acerca das ilustrações presentes nos livros; pesquisar e apreciar formas distintas das artes visuais na literatura infantil em diferentes épocas e matrizes estético-culturais, experimentar e analisar diferentes meios artísticos (desenho, pintura, colagem, escultura, modelagem, fotografia) no exercício de construir argumentos sobre suas materialidades; pensar sobre os processos criativos; cultivar os imaginários e ampliar o repertório imagético. As histórias infantis são ferramentas importantes nas formações identitárias de toda criança, pois contribuem para impulsionar seu desenvolvimento cognitivo e expressivo. Assim, percorre-se aqui o interior de uma proposta de ensino de Artes Visuais na Educação Básica que defende a construção de saberes sustentada pela leitura de imagens inseridas no campo das artes e da literatura infantil, e de fazeres artísticos levando em consideração aspectos históricos, sociais e culturais de certas narrativas visuais. Deste modo, são lançadas bases para um exame a respeito de uma prática docente reflexiva, crítica e contextualizada a partir do repertório de possíveis interpretações e versões da história *Chapeuzinho Vermelho*. Em tal análise, repenso meu fazer docente.

O presente relato de experiência foi desenvolvido durante minhas aulas de Artes Visuais, em parte do ano de 2022, com uma turma de quatorze alunos, de seis e sete anos de idade, do turno da tarde do 1º ano do Ensino Fundamental de uma instituição privada na região metropolitana do município de Nilópolis, no Rio de Janeiro.

2 HISTÓRIAS DENTRO DA HISTÓRIA

2.1 Através do tempo

As imagens são arquivos vivos do tempo. Pensamos com elas a história humana, depositamos nelas confiança e imaginamos nosso próprio futuro. Antes mesmo de aprendermos a ler, escrever ou desenhar, costumamos gostar de histórias. Já repararam como crianças pequenas gostam de ouvir a mesma narrativa, assim como assistir repetidas vezes um desenho animado ou ler o mesmo livro? Isso se dá porque elas conseguem prever o que vai acontecer depois e essa previsão gera nas crianças uma satisfação, já que aconteceu o que ela previa. Cada vez que elas têm contato com uma história, conseguem entendê-la melhor ou encontrar novos sentidos. Assim também ocorre quando assimilamos e construímos conhecimento. A repetição, que além de reforçar o aprendizado, sendo capaz de trazer uma sensação de conforto, segurança e prazer, promove autonomia, desenvolve a construção da linguagem e a previsibilidade. De acordo com Clara Regina Rappaport, mestra em Psicologia do Escolar, em seu livro *Teorias do Desenvolvimento*:

[...] É interessante notar que os processos cognitivos podem modificar o comportamento social, independentemente da observação de modelos reais. Modelos imaginários, como os que se criam através da leitura, podem ser bastante influentes, promovendo tanto a aquisição como a modificação de respostas. (RAPPAPORT, 1981, p.88).

As histórias que lemos e ouvimos ou as histórias a que assistimos hoje em desenhos animados, filmes e séries continuarão fazendo parte de nossas vidas, terão a capacidade de nos fazer pensar, analisar e inclusive nos transformar. O discurso verbal passou a ser intercalado com imagens em variadas combinações e as histórias adquiriram novas configurações. Neste sentido, Christoph Wulf, professor de Antropologia e Educação, na Universidade Livre de Berlim, diz:

No contexto da cultura visual moderna, as imagens assumiram um novo significado. Através dos meios de comunicação de massa, elas penetraram todos os campos e facetas da vida humana e passaram a exercer sua influência em todos os lugares. Com a difusão da cultura visual, a percepção de que as imagens desempenham um papel central para qualquer compreensão da modernidade tornou-se inevitável (WULF, 2013, p.21).

As imagens têm um valor em si mesmas, um valor para qual não há substituto. O campo da cultura visual influencia, constitui e é construído pelo imaginário infantil. A imaginação é uma potência que faz o mundo aparecer ao homem, no sentido de idealizar o mundo através de imagens mentais e criá-lo em concessão mental.

[...] Imaginação, portanto, é a energia que liga o homem ao mundo e vice-versa. Ela age como uma ponte entre exterior e interior, é de caráter quiástico e desdobra seu significado exercitando sua função. Foi no pensamento romano que a fantasia transformou-se em imaginação. A linguagem expressa a característica da imaginação que tornou o mundo exterior em imagens e transferiu-as a um mundo interior de imagens (WULF, 2013, p.22 e 23).

A imaginação, portanto, concebe os mundos humano, social, cultural e simbólico. A invenção assume um papel fundamental para o desenvolvimento do homem. Somente o poder da imaginação cria novos significados usando para isso as imagens. O mundo da infância está repleto de signos e símbolos que sustentam a existência humana: daí a importância que os livros ilustrados enquanto via adquirem ao mostrar distintas faces, amplificando ressonâncias das articulações de imagens.

2.2 “Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho...” – esse começo do conto não deve ser estranho?

No início, os contos de fada eram chamados de encantos, encantamento, histórias mágicas. O conto infantil representa o mágico, a fantasia, a comunicação com um mundo imaginário. Os contos de fadas surgiram através da tradição oral e o primeiro a organizá-los da maneira que conhecemos, de forma escrita, foi o francês Charles Perrault, ao coletar histórias tradicionais. No século XVII, a versão impressa do conto Chapeuzinho Vermelho foi adaptada para o público infantil por Perrault, que havia iniciado um trabalho de resgate de histórias contadas de boca a boca. O autor reuniu em um livro, as histórias narradas pela camada popular francesa e adaptou-as a fim de que estas se adequassem à corte francesa do rei Luís XIV. Somente a partir do século XIX, as gravuras do ilustrador francês Gustave Doré passaram a acompanhar algumas reedições do conto de Perrault. Segundo conta Graça Ramos, pesquisadora em Literatura Brasileira e História da Arte:

As ilustrações de Doré para Chapeuzinho Vermelho são poucas. Resultam em uma quase descrição daquilo que está narrado [...]. As imagens criadas por ele tendiam ao grotesco e ao fantástico, mas em Chapeuzinho Vermelho, exibiam um artista de expressão mais realista, entendida como representação o mais próxima possível do mundo real (RAMOS, 2020, p.18).

Figuras 1, 2 e 3 - Ilustrações originais de Doré para a história “Chapeuzinho Vermelho”, no livro *Les Contes de Perrault*, de 1867



Fonte: Disponível em: <<https://tarjapretarte.wordpress.com/2011/09/01/ilustracoes-do-original-de-gustave-dore-para-os-contos-de-perrault/>> Acesso em: 12 set. 2022.

Ao visualizarmos as ilustrações, é possível lermos a história também através dos desenhos de Doré. Essa leitura visual expande o conjunto narrado pelo texto e contribui para o enriquecimento das nossas percepções. Uma imagem pode receber variadas interpretações e gerar sensações através das diferentes leituras. A atribuição de completar a ilustração pertence a quem vê e lê, de acordo com suas fantasias e suas vivências.

Considerado um dos mais importantes divulgadores do livro ilustrado em grande formato, Doré, na história do lobo mau, ateu-se à precisão das formas, à figuração expressiva. Conseguiu criar um universo dramaticamente poético em que o lobo confunde-se com ações inerentes ao humano sem precisar recorrer às estratégias de criar um ser visualmente híbrido entre o humano e o animal. Ele apenas anda sobre dois pés, como se homem fosse, mas mantém a fisionomia natural da espécie (RAMOS, 2020, p.19).

Ao longo dos séculos, as adaptações das imagens do conto Chapeuzinho Vermelho foram sendo revisitadas e se adaptando por conta das mudanças sociais e culturais das

sociedades nas quais foram sendo editadas. As experiências estéticas que as imagens proporcionam confluem para uma vasta gama de possíveis interpretações e versões da história Chapeuzinho Vermelho.

3 COMO TUDO COMEÇOU...

O conto *Chapeuzinho Vermelho* que passou da oralidade à escrita e que permanece no imaginário popular nos tempos atuais, instalou-se no cotidiano de uma de minhas turmas do 1º ano. Ao longo de um período de dois meses, com dois encontros semanais de 45 minutos cada, do ano de 2022, foram abordadas distintas edições da história e suas reverberações. Essa experiência se iniciou nas aulas de Língua Portuguesa, durante as quais, nos exercícios de prática textual foram trabalhados os contos de fadas – gênero bastante frequente na infância, que instiga a imaginação das crianças e gera, ao mesmo tempo, a identificação delas com essas histórias. Um desses contos de fadas inspirou meu planejamento das aulas de Artes Visuais: a história da *Chapeuzinho Vermelho* (e suas diferentes versões). A proposta inicial foi estimular a utilização de imagens para abordar a história de maneira ilustrada e assim, perceber como a comunicação visual, mesmo sendo criada com base na narrativa verbal, pode se tornar autônoma. Além disso, o objetivo era ampliar e fortalecer as possibilidades expressivas no âmbito da criação de processos, manifestações e produções artísticas.

É válido ressaltar que os conteúdos estudados – assuntos que são abordados nos livros didáticos adotados – nesta instituição em questão são comuns a mais de um componente curricular. Os professores durante os encontros pedagógicos relacionam os conteúdos eleitos através de pesquisas e de partilha das experiências. Tais projetos visam contribuir para uma aprendizagem mais articulada e global dos estudantes proporcionando aulas mais significativas. Nas aulas de Artes Visuais, os alunos usufruíram, de forma lúdica e imaginativa de momentos nos quais puderam ampliar seus repertórios pessoais e coletivos aprofundando a leitura autônoma dos campos visuais, entendendo a história como fonte de múltiplas informações e de entretenimento (fruição).

Cada subcapítulo do relato de experiência foi dedicado à uma edição do conto e aos processos criativos construídos com os estudantes de acordo com as propostas planejadas também nos momentos de partilhas com o corpo docente.

3.1 *Chapeuzinho, a menina do imaginário infantil*

Este primeiro encontro, que abriu o início do projeto aconteceu em uma sala de aula ambientada como um espaço destinado à leitura. O grupo sentado em círculo, enquanto ouvia o conto original da *Chapeuzinho Vermelho* apreciava também as ilustrações originais de Gustave Doré (projetadas no quadro). Cada aluno expôs seu olhar, teceu observações e interpretações acerca das ilustrações de Doré: um momento da escuta sensível. As imagens foram comentadas e partilhadas nas trocas de impressões de uns com os outros, como por exemplo: “Lobo bem realista não anda em pé!”; “Ele tem pelos, está ao lado do chapeuzinho, que não é um chapéuzinho é um chapéuzão!”.

Logo após a leitura, a proposta de atividade prática foi desenvolvida: a turma escolheu apenas uma das ilustrações do livro (figura 3) e cada um a partir da imagem original deveria realizar uma releitura, ou seja, recriar tal imagem à sua própria maneira a fim de produzir um novo desenho. Para tanto, disponibilizou-se folha branca A4, lápis grafite e borracha. Ao analisarem cuidadosamente a ilustração de Doré, as percepções iam ficando mais atentas: “O rosto da *Chapeuzinho* está muito assustado com o lobo!”; “Eu não ficaria assustado, sou muito corajoso!”; “Sinto raiva ao olhar para o rosto do lobo. Estou confusa?”; “Vovó não tem garras. Ah, mas essas garras não são dela, são do lobo!”. Logo, sentiram-se inseguros em relação ao que fariam: “Cara do lobo está muito realista, como farei algo parecido?”; “*Chapeuzinho* realista, não sei fazer!”; “Vai ser difícil, tia!”. Foi um grande momento de ressignificação, de investigação e interação de cada um com a diversidade das imagens apresentadas.

Após uma longa conversa sobre a capacidade de expressão gráfica que cada ser humano tem, a observação do meio e das imagens infinitas que nos cercam, foi fundamental para a criação dos desenhos. Aos poucos, criaram segurança nos seus traços gráficos e se permitiram

transformações, que foram alcançadas justo com as interações – das próprias produções com as de seus amigos. Perceberam que o desenho é um modo de representar e é fruto da interação com o real. Com essas articulações e ponderações, as crianças desenvolveram um caminho de interesse por sua autoria dos traços. Neste sentido, Rosa Iavelberg, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, aponta:

A aprendizagem, portanto, afeta o desenvolvimento do desenho e é orientada por conteúdos de diferentes âmbitos (cognitivo, físico, afetivo) que se articulam desde os desenhos pré-simbólicos iniciais. Hoje compreendemos o desenho em seu caminho do pré-simbolismo à construção de poéticas próprias, com marca pessoal e diversidade cultural. A gênese dos desenhos deve ser reconhecida em cada contexto de geração de desenhos e na singularidade de seus produtores [...] (IAVELBERG, 2017, p.12).

Figuras 4, 5 e 6 – Releituras dos alunos



Fonte: acervo pessoal.

Diante das dificuldades que foram encontradas, a mediação afetiva entre os estudantes e os saberes foi fundamental para que se estabelecesse um ambiente seguro e tranquilo para que ocorresse o processo de aprendizagem. Ampliam-se as possibilidades expressivas na criação de desenhos quando os educadores não introduzem propostas a partir de modelos prontos e estereotipados: desenhos pré-confeccionados oferecidos às crianças promovem o empobrecimento de suas condições de aprendizagem e não estimulam a inventividade. Acredito que o exercício do desenhar desenvolve o senso de observação, a criatividade, a engenhosidade e estimula o aluno a desafiar seus limites, a expressar-se livremente colocando seus sentimentos e suas percepções no papel, além de impulsionar o aumento de sua autoestima.

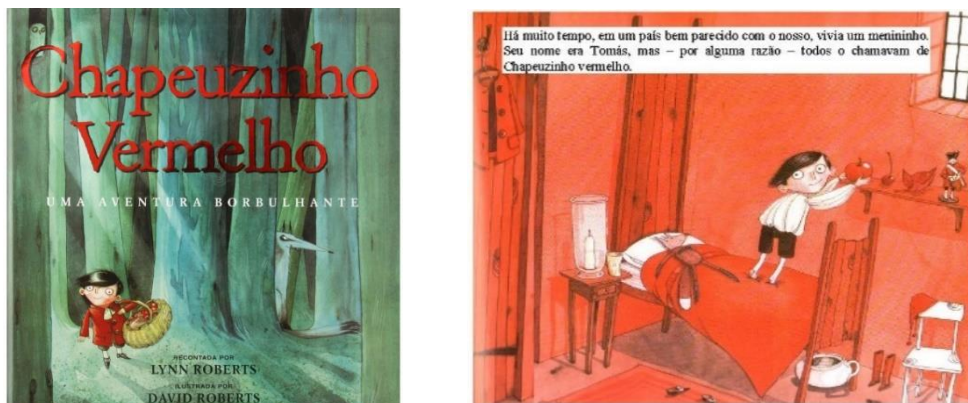
3.2 A Chapeuzinho ou o Chapeuzinho em uma aventura borbulhante?

“Ao reforçarem a gramática em que palavras e imagens complementam-se no tempo da leitura, alguns livros infantis contemporâneos compõem uma espécie de “poema visual” (RAMOS, 2020, p.77). Abolindo-se certas distinções entre os gêneros textuais e algumas outras formas de arte – o texto e as imagens são dispostos de tal forma que o elemento visual assume papel preponderante na obra.

Na linguagem contemporânea dos livros-álbums, o recurso à intertextualidade, esse diálogo entre textos, essa autorreferência que faz à literatura, é frequente, ocorrendo o mesmo com a ilustração. [...] Encontramos essa estratégia em *Chapeuzinho Vermelho – Uma aventura borbulhante* (2009), recontado por Lynn Roberts e ilustrado por David Roberts. Texto e imagens se referem ao menino Tomás, que vai levar guloseimas para a vovozinha e termina por derrotar o lobo sem a ajuda de caçadores. Sua arma é um refrigerante com muito gás, que a avó adora. Os dois códigos, palavra e ilustração, parodiam o passado (RAMOS, 2020, p. 98 e 101).

Ainda antes de iniciarmos a contação da história *Chapeuzinho Vermelho – Uma aventura borbulhante*, os alunos se encantaram com a capa do livro. Entre olhares interrogativos, começou uma discussão quanto a questão de gênero – estavam habituados a verem uma menina no papel da personagem título e não um menino. Os alunos falaram: “Antes era a Chapeuzinho Vermelho, agora é o Chapeuzinho!”; “Eu nunca vi um menino na história Chapeuzinho Vermelho, estranho!”. Foi muito interessante observar algumas das percepções e descobertas quanto às relações sociais entre homens e mulheres, meninos e meninas. Neste sentido, houve uma atualização na compreensão a respeito do tema numa conversa sobre o determinismo biológico como pretenso definidor de comportamentos sexuais – isso pareceu aguçar ainda mais a imaginação e a vontade dos estudantes de conhecer a história.

Figuras 7 e 8 – Chapeuzinho Vermelho por David Roberts



Fonte: acervo pessoal.

Durante a apreciação da segunda ilustração do livro os educandos foram desafiados a descobrirem por que o menino Tomás foi chamado de Chapeuzinho Vermelho. O texto verbal diz que ninguém sabe por que ele é chamado de Chapeuzinho Vermelho, mas a ilustração do quarto, logo na primeira página do livro, elucida a questão. Observaram que as paredes do quarto do pequeno Tomás, a mobília, os objetos contidos nele foram tingidos de vermelho: “Tudo é vermelho, ele é viciado em vermelho. Até os móveis!”; “Acho que depois de 20 anos ele vai enjoar da cor vermelha!”; “Tem o gorro do Papai Noel. O menino é o Papai Noel!”; “Tem um lobo vermelho na cama do Tomás!”. A curiosidade sobre o porquê do menino Tomás ser chamado de Chapeuzinho Vermelho revelou a oportunidade de apresentar a instalação “Desvio para o vermelho” do artista conceitual brasileiro Cildo Meireles. A imagem da obra foi projetada e o grupo foi estimulado apreciar e interagir com o trabalho: “Esse artista se inspirou na história do Chapeuzinho Vermelho para criar essa obra?”; “Ele é apaixonado pela cor vermelha!”. A interação com a produção abriu um leque de possibilidades no processo do fazer artístico na proposta de recriação do “Desvio” e do quarto de Tomás. Foi disponibilizado ao grupo imagens impressas de mobílias de várias cores, com o seguinte comando: o que é vermelho está com desejo de ficar perto do vermelho.

No percurso da aula eles perceberam que o Chapeuzinho não usa o capuz tradicional, apenas uma capa da cor vermelha, mas tem o mesmo ar curioso da menina das imagens que tradicionalmente se vinculam ao conto de fadas. O que também chamou atenção dos pequenos alunos foi o gosto da vovozinha pela bebida borbulhante que produz muitos gases, sendo o refrigerante uma bebida típica de nossos dias. Isso criou um ar de confusão que despertou reflexões e risos na classe. Perceberam, então, que na história não tem o caçador e que ele foi substituído pelo refrigerante borbulhante. O lobo na floresta cercado com muitas árvores e o uso de cores austeras escolhidos pelo ilustrador David Roberts mostrou um lado sombrio, que provocou sensações medonhas no grupo.

A história foi contada para os alunos organizados em semicírculo. Logo, imagens impressas de paisagens, fachadas de casas e mobílias de várias cores foram disponibilizadas para o grupo escolher. A prática foi iniciada pela proposta de realização de desenhos (folha branca A4, lápis grafite e giz de cera). Após esta etapa, os alunos colaram os desenhos nas imagens impressas e criaram cenários fantásticos. Assim, puderam materializar o repertório ficcional das múltiplas possibilidades que o enredo visual da história proporcionou.

Além do conhecimento de si mesma, que a criança tem ao desenhar, ganha compreensão do mundo. Ela desenha porque existe desenho no mundo. Aprende a ver e a executar o que vê. Tende a assimilar níveis de conhecimento e produção artística e estética cada vez mais complexos, agindo sobre os objetos de conhecimento (desenhos) de diversas culturas, tempos e lugares (IAVELBERG, 2017, p.24).

Nessa atividade vinculada à adaptação do conto popular Chapeuzinho Vermelho, a proposta foi, através da interação social, estimular a produção coletiva enquanto um grande ato lúdico (participativo, prazeroso), em oposição ao técnico (estático, repetitivo, mecânico): a alfabetização também visual e a ludicidade devem ser inseparáveis.

Figuras 9, 10, 11, 12, 13 e 14 – Cildo Meireles, Desvio para o vermelho / Produções acerca da leitura do livro Chapeuzinho Vermelho, de Roberts





Fonte: Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/desvio-para-o-vermelho/>> Acesso em: 18 set. 2022. / Fonte: acervo pessoal.

3.3 “Pela estrada afora, eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha!”

As estrofes iniciais da canção feita pelo o compositor Carlos Alberto Braga, o Braguinha (1907-2006), também conhecido como João de Barro, é uma das versões que remete a história Chapeuzinho Vermelho e que perpassa o imaginário coletivo de gerações de brasileiros. Claudia Scatamacchia ilustrou a história recontada por João de Barro.

“Cada artista que desenha a história da garota da capa vermelha a compõe de uma maneira particular, em conformidade com sua imaginação” (RAMOS, 2020, p. 19). Através da apreciação das ilustrações de Scatamacchia, a turma percebeu que a Chapeuzinho não possuía as características físicas que estava acostumada a ver nesse clássico infantil, e que, segundo ela, acabam se tornando modelos a serem seguidos pelos ilustradores e pelas crianças. Podemos perceber isto nas falas dos alunos: “A Chapeuzinho é gorda! Parece uma gorda baleia!”; “Ela é gordinha!”; “Essa Chapeuzinho usa uma calça, casaco e é muito gorda!”; “Ela tem a barriga do tamanho da terra!”.

Figuras 15, 16 e 17 – Ilustrações de Claudia Scatamacchia e Obra Mona Lisa de Botero



Fontes: Acervo pessoal. / Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/503418064572563314/>> Acesso em: 20 set. 2022.

Com intuito de discutir o tema trazido pela turma acerca do estigma estrutural e cultural da gordofobia nessa fase da infância, foi apresentada à turma a pintura Mona Lisa (1978) do artista colombiano Fernando Botero. Neste trabalho, o artista relê a obra original do italiano Leonardo da Vinci, de 1503. Observou na produção de Botero: a figura roliça, de volumes e rechonchuda, mas com o mesmo sorriso enigmático. A protagonista do colombiano, com suas formas mais avantajadas, foi importante para traçar um paralelo com a Chapeuzinho Vermelho

de João de Barro. É válido ressaltar que a turma estava norteada por uma fala preconceituosa e esse diálogo através das imagens propôs uma reflexão sobre as diferenças físicas de todos nós e a necessidade de aprendermos e exercitarmos o respeito à diversidade. Segundo Fernando Hernández, Professor da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, diz:

“O que implica a construção e a desconstrução dos sistemas simbólicos por meio dos quais tanto os indivíduos quanto os grupos tentam dotar de sentido a profusão de coisas e os eventos que acontecem em torno deles. [...] As obras artísticas, os elementos da cultura visual, são, portanto, objetos que levam a refletir sobre as formas de pensamento da cultura na qual se produzem. Por essa razão, olhar uma manifestação artística de outro tempo ou de outra cultura implica uma penetração mais profunda do que a que aparece no meramente visual: é um olhar na vida da sociedade, e, na vida da sociedade, representada nesses objetos. Essa perspectiva de olhar a produção artística é um olhar cultural” (HERNÁNDEZ, 2000, P. 53).

Esta história foi narrada de forma lúdica e criativa; a linguagem musical também foi explorada, com as canções que compõem a literatura. Enquanto a narração acontecia, a turma ouvia, cantava e encenava para caracterizar as personagens. Logo, o ambiente foi montado a fim de construir uma atmosfera para a produção de mais uma proposta. A classe foi dividida em três grupos e foram disponibilizados: pincéis, tinta guache, cartolina, lápis grafite, giz de cera, tesoura e cola. Os trabalhos coletivos visavam a criação de pinturas (sem esboços prévios) sobre os cenários da história. Foi desafiador criar a floresta sem fazer o uso do lápis grafite pois se sentiram inseguros, tiveram medo de errar, queriam fazer marcações na cartolina e se viram diante de um suporte maior e diferente. Conversamos sobre a importância da pincelada livre para o processo de criação da floresta e os grupos resolveram começar pelo céu, a grama e assim por diante. Depois, foram ficando mais confiantes com as pinceladas. Foi perceptível como a pintura estimulou os sentidos e os gestos, auxiliou no desenvolvimento de habilidades e encorajou a autoestima dos estudantes ao oportunizar a expressão, principalmente diante de diferentes suportes e materiais. Cada aluno ainda escolheu individualmente uma personagem para desenhar e pintar com giz de cera. Curiosamente, a maior parte da turma preferiu desenhar o lobo mau – ficaram impressionados com seu perfil tão divertido feito nesta narrativa!

[...] Crianças aprendem rapidamente a língua das imagens, porque estão em uma fase do desenvolvimento em que as sensações, vinculadas às formas, cores e texturas, ainda estão à flor da pele, não sofreram influência excessiva dos efeitos da racionalização (RAMOS, 2012, p.41).

Figuras 18, 19 e 20 – Composição visual da turma



Fonte: Acervo pessoal.

Habilidades sócio emocionais como: esperar sua vez de participar, tomar decisões que implicam considerações do grupo como um todo, compartilhar e negociar materiais, além de respeitar os espaços de cada um foram pensados e estimulados no percurso das aulas. Ao final

do processo, os grupos ficaram encantados com suas composições visuais, fruto do exercício cooperativo.

3.4 “Quem conta um conto aumenta um ponto”

Essa expressão popular fala que as histórias vão mudando com o tempo, conforme as pessoas as recontam e novos detalhes são acrescentados. Em 1970, Chico Buarque, compositor, músico e escritor brasileiro, escreve um livro intitulado *Chapeuzinho Amarelo* e no ano de 1979 foi relançado com algumas alterações incluindo ilustrações do cartunista e escritor Ziraldo – há uma referência ao conto original: a história se caracteriza pela relação de medo da menina com tudo que a rodeia e faz uma associação com o temido lobo mau.

A turma embarcou numa aventura fantasiosa, ou melhor medrosa, que teve início com uma roda de conversa e percebeu que na narrativa de Chico Buarque há a presença de apenas duas das personagens marcantes do conto original: o lobo e a menina. O que também chamou atenção das crianças foi o medo excessivo da menina pelo o lobo e, logo, ficaram curiosos sobre o porquê da menina ser chamada de *Chapeuzinho Amarelo*: “É *Chapeuzinho Amarelo*, por que ela é amarelada de medo!”; “É *Chapeuzinho Amarelo* porque ela usa um chapéu amarelo!”; “Será que ela está doente? Com febre amarela? Por isso esse nome?”. Ziraldo desenhou a menina com o chapéu de cor amarela – o amarelo de medo –, os olhos e boca ganharam destaque: um olhar de aflição e o traço inclinado da boca descreve uma desconfiança misturando-se com receio.

Figuras 21, 22, 23, 24, 25 e 26 – *Chapeuzinho Amarelo* por Ziraldo / Releituras da *Chapeuzinho Amarelo* produzidas pela turma



Fonte: Acervo pessoal.

No primeiro momento, a turma recebeu uma folha A4 e um chapéu feito de papel amarelo; o chapéu foi colado na folha; o desenho do rosto da *Chapeuzinho Amarelo* foi feito a partir da observação da ilustração original com lápis de cor. A personagem *Chapeuzinho Amarelo* foi

representada pela turma, através de uma releitura e de colagem de itens variados, como: papéis, fita de cetim, botões. Essas produções foram realizadas por meio da justaposição de elementos e tais composições libertaram os alunos de certas limitações do plano e da superfície.

Para contar uma história é possível usar várias linguagens artísticas ao mesmo tempo como, por exemplo, teatro, dança, artes visuais e música. Com o intuito de encarnar e apresentar a história da Chapeuzinho Amarelo criamos um chapéu amarelo. Usamos um chapéu de palha, papel toalha, cola branca, água e balde. A mistura de pouca água com cola branca foi feita no balde, pedaços pequenos de papel toalha foram cortados, molhados na mistura e aplicados em todo o chapéu de palha até completar duas camadas de cobertura. Após a secagem usamos tinta amarela para pintá-lo. O resultado ficou encantador e todos os alunos puderam incorporar a Chapeuzinho Amarelo. O chapéu amarelo, como objeto cênico facilitou o desenvolvimento da linguagem corporal: houve improvisação e a possibilidade de criação das próprias maneiras de se contar a história. Essa atividade de sensibilização foi conduzida de maneira leve – apesar de alguma timidez, sempre respeitada – a espontaneidade das crianças e as afirmações dos elementos paralinguísticos e cinésicos, como gestos, olhares, postura corporal, ritmo da fala e etc. foram importantes para o momento individual e coletivo.

Figuras 27 e 28 – Chapéu amarelo (objeto cênico)

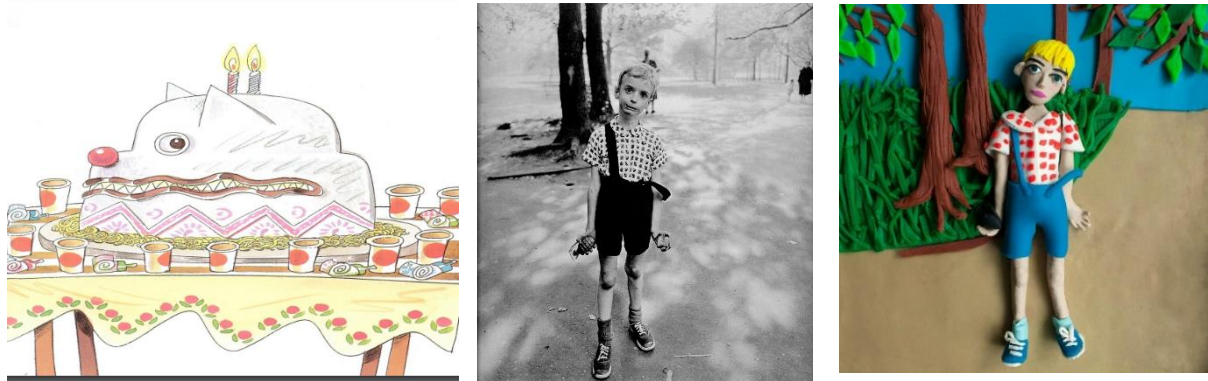


Fonte: Acervo pessoal.

Em uma parte da história, Chapeuzinho Amarelo se deparou com o seu maior medo: o lobo! Mostrou-se curiosa ao encontrar com o lobo, que era tão temido por ela. Na ilustração o lobo se apresenta com expressão de ferocidade, não há presença do diálogo tradicional, mas uma adaptação do mesmo, contextualizando o conto de origem. Ao final, a menina que já não tem mais medo do lobo o compara com um bolo. O lobo então aparece como um bolo de aniversário (figura 31) sobre uma mesa e com um nariz vermelho de palhaço. A forma do lobo e bolo é enfatizada pela narrativa de Chico, no qual o autor faz um jogo de palavras, lobo-bolo. Em diálogo com a imagem do bolo lobo foi apresentado à turma um repertório de fotografias da artista contemporânea britânica Eleanor Macnair. Seu trabalho consiste em utilizar massas para fazer modelagens que recriam algumas imagens icônicas. Depois, fotografa suas composições e desmembra as montagens numa discussão sobre efemeridade. Em seguida, a turma foi orientada a desenvolver uma escultura com massinha de um bolo-lobo. Os alunos, aos poucos, vivenciaram as possibilidades desse tipo de expressão observando, com a devida orientação a exploração dos recursos próprios da linguagem tridimensional. A massinha de modelar foi o material principal empregado para o trabalho, mas eles usaram ainda palitos, lápis, apontadores, e outros materiais que serviram para subtrair, furar, ranhar, entre outras ações dos pontos de vista espacial. Ao longo da vida escolar, a bidimensionalidade está, certamente, mais presente no que é produzido: escrevemos em papel, utilizamos celular e computador para pesquisar e nos comunicarmos. Até para nos expressarmos artisticamente é mais comum desenharmos em suporte bidimensional. Tanto o é, que muitos alunos, ao

receberem a proposta de trabalhar com massas para modelar, transpõem a linguagem bidimensional para o material, criando placas ou esculturas “deitadas”, como uma folha de papel. Neste sentido, reforça-se a importância da criação de condições para experiências com a perspectiva da investigação tridimensional e da exploração de diferentes formas e volumes.

Figuras 29, 30 e 31 – Bolo-lobo por Ziraldo / Fotografia de Diane Arbus (Child with toy grenade, NYC, 1962) / Trabalho de Eleanor Macnair.



Fontes: Acervo pessoal. / Fonte: Disponível em: < <https://iphotochannel.com.br/artista-cria-fotografias-icônicas-com-massinha/>> Acesso em: 25 set. 2022.

Figuras 32, 33 e 34 – Modelagem dos alunos bolo-lobo



Fonte: Acervo pessoal.

Diante da adaptação do conto de Chico Buarque, as ilustrações de Ziraldo recriam uma Chapeuzinho Vermelho agora amarela e contemporânea. Antes ilustrada como uma menina meiga, aparece vencendo seu medo frente ao lobo mau. Nessa perspectiva literária, o conto trata de conflitos internos do ser humano, como o medo do desconhecido, carências afetivas, materiais e autoconhecimento. Os processos e as práticas artísticas abrem caminhos para o desenvolvimento cognitivo, a construção de conhecimento e a expressão subjetiva entre tantos outros vieses fundamentais para o fortalecimento humano.

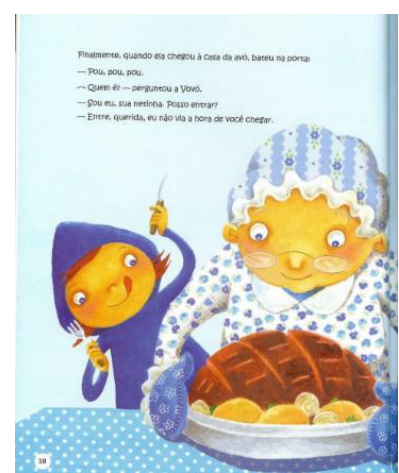
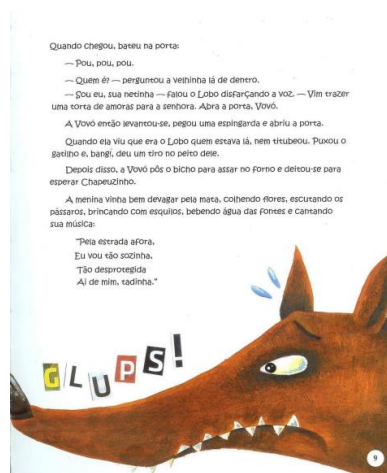
3.5 Era uma vez uma Chapeuzinho frágil? Ou malvada?

“Era uma vez... uma menina que sempre usava a mesma capa com capuz. Por isso o apelido dela era Chapeuzinho... azul, cor de abóbora, verde, branco, lilás ou preto” (TORERO E PIMENTA, 2016, p. 56). A história da Chapeuzinho que conhecemos se transforma em várias outras versões na narrativa Chapeuzinhos Coloridos, dos autores brasileiros José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. Em uma pequena vila perto de uma floresta, vivia uma

menina com capuz de veludo na cor azul. Por este motivo, todos da vila a chamavam de Chapeuzinho Azul. Um dia, sua mãe a pediu para levar uma deliciosa torta de amoras azuis para a sua avó. A menina prontamente colocou a torta na cesta e partiu. No caminho ela cantava: “Pela estrada afóra, / Eu vou tão sozinha, / Tão desprotegida / Aí de mim, tadinha”.

Em uma roda de conversa, a história Chapeuzinho Azul foi narrada com o auxílio de elementos visuais de autoria própria que foram feitos com papéis coloridos dobrados, recortados e colados. A turma estava muito entusiasmada em cantar a canção e ouvir o enredo da história. A linguagem corporal também foi trabalhada, as crianças improvisaram e criaram uma maneira própria para contar a história com teatralidade, variadas entonações de voz e diferentes fisicalidades dentro da diversidade de cada personagem na narrativa.

Figuras 35, 36, 37, 38, 39 e 40 – Chapeuzinho Azul por Marília Pirillo / Elementos visuais Chapeuzinho Azul



Fonte: Acervo pessoal.

A história da Chapeuzinho Azul tem quase o mesmo enredo tradicional, porém quando o lobo chega à casa da Vovó, ela prontamente pega a espingarda, abre a porta, puxa o gatilho e lhe dá um tiro. A turma suspirou e com um ar interrogativo, perguntou: “Como assim, professora? Que Vovó valente!”, “Eu nunca vi uma Vovó criminosa”, “Dessa vez o lobo se deu mal.”, “Que horrível! Eu amo lobo. Ele está em extinção!” Depois de matar o lobo, a Vovó pôs o bicho para assar no forno. Finalmente, Chapeuzinho chegou à casa da Vovó e, logo, as crianças perceberam que havia um plano entre elas: comeriam o lobo assado de uma só vez, tirariam uma soneca com a barriga muita cheia e roncariam muito alto. O ronco foi tão alto que

o caçador estava passando por perto, ouviu, ficou preocupado, abriu a porta e entrou. O caçador ficou irado em ver ossos de lobo sobre a mesa. Logo, o caçador apontou a espingarda para elas e prendeu as duas. Essa versão deixou as crianças inconformadas com a atitude do caçador em levar a Chapeuzinho e a Vovó à delegacia para serem presas: “Uma atitude muito ruim. Mas a Vovó quis se defender!”; “É muito feio a Vovó ir para prisão! Olha o rosto dela triste na imagem!”; “Professora, você está acabando com a minha infância! Eu nunca vi criança ser presa!”; “Verdade! Pelo ECA, toda criança tem direito à liberdade.” Esses questionamentos sobre a liberdade da criança, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) fazem parte da bagagem cultural dos alunos, pois foi um conteúdo estudado durante as aulas de prática textual. A partir deste relato é notório que o uso das imagens nos livros possibilita o fortalecimento do aprendizado e como as ilustrações fomentam à formação de novos leitores.

Como proposição, primeiro desenvolvemos uma composição visual em três grupos. Usamos como suporte folhas de jornal, giz de cera, panos floridos (na cor azul), papéis coloridos cola e tesoura. Cada grupo desenvolveu uma composição. Receberam círculos azuis recortados e com o auxílio da professora criaram a Chapeuzinho Azul por meio de dobradura. Em folha de ofício branca criaram pés e mãos, recortaram e colaram no “corpo da Chapeuzinho”. Depois, cada grupo recebeu troncos e círculos recortados, uma folha de jornal, coloriu-a com giz de cera a fim de montar árvores para o cenário da floresta. É válido ressaltar que a escolha dos materiais faz referência às ilustrações da história e também foi inspirada em obras do artista contemporâneo brasileiro Vik Muniz, que em algumas de suas obras mostradas para o grupo, reflete sobre questões concernentes à sustentabilidade - a arte e a educação são ferramentas essenciais para repensarmos a sociedade em seus diversos âmbitos.

Figuras 41, 42, 43, 44, 45 e 46 – Obra de Vik Muniz / Composições visuais dos alunos



Fonte: Disponível em <<https://ecoargoiania.blogspot.com/2012/09/ecoarte-vik-muniz.html>> Acesso em: 25 set. 2022. / Fonte: Acervo pessoal.

Ao chegar à escola, o aluno carrega consigo infinitas experiências e conhecimentos acumulados, conquistados por meio de exploração visual e auditiva, de jogos, brincadeiras,

literatura, desenhos entre outros, os quais influenciarão no processo de aprendizagem. Essa bagagem cultural foi abordada para construção de novos conhecimentos e para o desenvolvimento do pensamento sobre artes, linguagem visual, percepção, experiência estética e ciências cognitivas durante as propostas artísticas pedagógicas.

[...] A fantasia é o poder da imaginação de fazer algo aparecer na imagem que não está, e ao fazê-lo cria a esfera da estética. [...] Aquilo que vemos em uma imagem não são apenas formas, cores e composição, ou seja, seus elementos icônicos; o que vemos em uma imagem é aquilo que vemos como uma imagem. Ver em ver como é possível pela fantasia, pelo poder criativo da imaginação que faz o mundo aparecer e que, portanto, é fundamental para relação do homem com o mundo (WULF, 2013, p. 27).

3.6 A imaginação permite desenvolver a criatividade e transformar

Chegamos ao final dos processos e das produções artísticas planejados para durarem dois meses. A mostra das produções aconteceu na escola com as mais diversas formas de expressão, como: dança, música, artes visuais e literatura. Os estudantes junto com suas famílias puderam apreciar as manifestações artísticas e serem estimulados a leitura. É válido ressaltar a grandeza e a importância dos estudantes se perceberem enquanto protagonistas e criadores de visualidades e não somente como consumidores de imagens pré-fabricadas que não colocam desafio relevante à imaginação. “Imagens são criadas na troca com o outro e são feitas para se relacionar com os outros” (WULF, 2013, p. 33). Foram momentos fascinantes de imersão num universo que se mostrou em expansão, de passeio pela imaginação e de enriquecimento de imaginários para todos que experimentaram ousar seus olhares pelos caminhos das ilustrações dos livros e que puderam perceber que as imagens se transformam e nos transformam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência foca nas ilustrações de livros do conto clássico da literatura mundial *Chapeuzinho Vermelho* como possíveis veículos educativos para uma abordagem das visualidades na escola. Indica ainda, o processo de construção de repertório imagético das crianças a partir das investigações sobre a imagem no livro ilustrado. Neste sentido, buscou-se refletir sobre as diversas versões e ilustrações do conto em questão, sob a perspectiva da imaginação, do fluir da criatividade, do fazer artístico e das criações de novas imagens através das propostas visuais que foram apresentadas nas aulas de Artes Visuais. A abordagem das ilustrações dos livros se deu com o intuito de ressignificar a leitura imagética, compreender aspectos das imagens e refletir sobre a leitura da narrativa visual articuladas a obras de arte que foram mostradas no percurso do desenvolvimento do projeto.

Ao analisar as ilustrações foi possível compreender e explorar outras linguagens da arte, abrindo espaço para uma reflexão mais efetiva sobre as imagens e formas plásticas de recriá-las. Ao propor o exercício de construção de novas imagens e leitura das ilustrações das versões do conto da *Chapeuzinho Vermelho*, foi possível colocar em prática reflexões e produções no viés de uma aprendizagem criativa, em um ambiente propício ao estímulo da criatividade e da imaginação. De acordo com as histórias que foram apresentadas, os alunos encontraram gêneros de desenhos e técnicas variadas, alternância de estilos e suas utilizações de acordo com as propostas – o que possibilitou aos alunos atribuírem materialidade artística e amplitude estética aos sentimentos, às ideias e aos desejos de forma individual e coletiva. As experiências poéticas corroboraram para o desenvolvimento de campos de conhecimento sensível-cognitivo que envolveram as práticas da apreciação, reflexão, criação e partilha no processo de aprendizagem das artes visuais.

Por fim, a investigação e pesquisa sobre minha prática docente contribuíram fundamentalmente para estimular o meu desenvolvimento e aprimorar o meu desempenho como educadora. Hoje, os saberes e os fazeres do território artístico e essa experiência vivida e contada têm reverberado em minha prática pedagógica.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BARRO, João de. **Chapeuzinho Vermelho**. 10. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Arte Médicas, 2000.

IABELBERG, Rosa. **O desenvolvimento cultivado da criança: prática e formação de educadores**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. 01. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Teorias do Desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.

ROBERTS, Lynn; ROBERTS, David. **Chapeuzinho Vermelho – uma aventura borbulhante**. São Paulo: Nobel Franquias, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Como eu ensino - leitura de imagens**. 01. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Chapeuzinhos coloridos**. São Paulo. Companhia das letrinhas, 2016.

WULF, Christoph. **Homo Pictor: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado**. São Paulo: Hedra, 2013.